

A MEMÓRIA DA FEIRA NO DISTRITO DE JOSÉ GONÇALVES EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

LA MEMORIA DEL MERCADO CALLEJERO EN EL DISTRITO DE JOSÉ
GONÇALVES EN VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

THE REMEMBRANCE OF THE STREET FAIR IN JOSÉ GONÇALVES DIS-
TRICT IN VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

RESUMO

Esse artigo apresenta a memória da feira em José Gonçalves, distrito de Vitória da Conquista, por meio das narrativas dos moradores. A feira representou um tempo de comércio próspero, com circulação de pessoas e mercadorias, porém, alguns fatores sociais e econômicos contribuíram para o fim da atividade: a seca que atingiu o município na década de 1980, a cafeicultura que se fortaleceu no município de Vitória da Conquista, a colheita do café que trazia a ilusão de um trabalho mais rentável, entre outros. Atualmente, essa feira existe somente na memória coletiva da população que viveu e é impulsionada a narrar essas lembranças.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar de Memória, Feira, Narrativas.

ANDRECKSA VIANA OLIVEIRA SAMPAIO

Professora Doutora
do Departamento de
Geografia e do Programa
de Pós Graduação em
Educação da Universidade
Estadual do Sudoeste da
Bahia (UESB)

Pós Doutora em Geografia
pela Universidade Federal
de Sergipe (UFS)

andrecksa.oliveira@uesb.edu.br

SÔNIA DE SOUZA MENDONÇA MENEZES

Professora Doutora
do Departamento de
Geografia e do Programa
de Pós Graduação em
Geografia da Universidade
Federal de Sergipe (UFS)

soniamendoncamenezes@gmail.com

Artigo recebido em:

23/07/2019

Artigo publicado em:

08/07/2020

RESUMEN

Este artículo presenta la memoria del mercado callejero en José Gonçalves, distrito de Vitória da Conquista, a través de las narrativas de los residentes. La feria de la calle representó una época de comercio próspero, con circulación de personas y bienes, pero algunos factores sociales y económicos contribuyeron a su finalización: la sequía que afectó al distrito en la década de 1980, el cultivo del café en el municipio de Vitória da Conquista, la cosecha de café que trajo la ilusión de un trabajo más rentable, entre otros. Actualmente, este mercado callejero existe solo en la memoria colectiva de la población que vivió y está impulsada a narrar estos recuerdos.

PALABRAS-CLAVE: Lugar de memoria, Mercado callejero, Narrativas.

ABSTRACT

This article presents the memory of the street market in José Gonçalves, Vitória da Conquista district, through the narratives of the residents. The street fair represented a time of prosperous trade, with circulation of people and goods, but some social and economic factors contributed to the end of it: the drought that hit the district in the 1980s, the coffee growing in the municipality of Vitória da Conquista, the coffee harvest that brought the illusion of

a more profitable work, among others. Currently, this street market exists only in the collective memory of the population that lived and is driven to narrate these remembrances.

KEYWORDS: Place of Memory, Street fair, Narratives.

INTRODUÇÃO

Esse artigo¹ tem como objetivo apresentar a memória da feira em José Gonçalves, distrito integrante do município de Vitória da Conquista, por meio das narrativas dos moradores. Utilizou-se do método fenomenológico para embasar as múltiplas interpretações do lugar (feira) através da observação *in loco* e também das narrativas dos moradores mais antigos e frequentadores da feira e/ou feirantes do distrito, na tentativa de relatar as histórias contadas e enfatizar a representação que o sujeito faz e que pode ser transformadora da própria realidade. As categorias teóricas lugar, embasada nas discussões de Tuan (1983), feira, tendo por base Vedana (2008) e o lugar de memória baseada nos postulados teóricos de Nora (1993), Certeau (1998) Gastal (2002), Andrade (2008) foram utilizadas para fundamentar as narrativas.

Segundo alguns moradores, até 1995, o distrito contava com uma feira livre que garantia o sustento da população local e regional. Os consumidores, para além dos habitantes do lugar, vinham de outros povoados e pequenas cidades situadas nas cercanias, assim como os feirantes que comercializavam todos os tipos de carnes: bovina, suína, caprina, aves, além de ovos, os cereais e os produtos

manufaturados como as confecções, alumínio, entre outros. Na atualidade, a feira apresenta-se uma configuração totalmente diversa do passado, tendo em vista o reduzido número de barracas instaladas na praça aos domingos, e a população que se abastece na sede do município de Vitória da Conquista e nos mercados locais² do distrito. O artigo foi construído por meio das histórias contadas sobre as memórias do lugar, “sedimentadas na saudade e a procura de registros e sinais da ausência” (ANDRADE, 2008, p.570). A feira de José Gonçalves é aqui tratada como um lugar de memória por ser projetada simbolicamente e associada a um passado vivo e que reforça os seus traços identitários.

O DISTRITO DE JOSÉ GONÇALVES...

Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso, podem ser apreendidos através de uma experiência total, englobando relações internas (íntimas) e externas. Para Tuan (1983), o lugar é sinalizado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Segundo o autor, o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação.

As terras que compõem o Distrito de José Gonçalves foram um dos primeiros espaços ocupados no Planalto da Con-

1. *É resultado de uma pesquisa desenvolvida no Estágio Pós-doutoral, realizado no Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGEO) na Universidade Federal de Sergipe (UFS).*
2. *Os mercados locais referem-se aos pequenos mercados privados que apresentam características semelhantes aos supermercados das grandes cidades, como o autosserviço, prateleiras abertas, embora ofereçam uma menor quantidade de produtos.*



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

quista em função de terem sido o principal caminho de ligação entre a referida região e Vila de Minas do Rio das Contas. Segundo Medeiros (2013), para atingir-se o Arraial da Conquista (atual cidade de Vitória da Conquista), partia-se da Vila de Minas do Rio das Contas, seguia-se pelo rio das Contas, alcançava-se o rio Gavião, seguia-se por este até o Riachão do Gado Bravo e por este caminho chegava-se a Batalha e daí alcançava-se o Arraial da Conquista, sede do Distrito da Vitória, que na época pertencia a Caetité (e só seria elevado a Vila – Imperial Vila da Vitória – em 1840, constitui o Município de Vitória da Conquista).

A partir da segunda metade do século XVIII, as terras do Planalto da Conquista passaram a ser ocupadas. João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa travaram batalhas contra os índios e aqui se estabeleceram. João da Silva Guimarães retornou a Minas Gerais, mas João Gonçalves da Costa permaneceu no Planalto da Conquista e aí passou a manter fazendas para criação de gado e agricultura.

A região era formada por grandes fazendas trabalhadas pelas famílias de proprietários e por escravos. No início no século XX, alguns povoados surgiram, dentre eles- o “Guigó” - (atual distrito de José Gonçalves), o que mais prosperou. Tinha esse nome por causa do riacho Guigó que o banhava e, desaguava no rio Catolé. Em 1904, era o principal povoado do município, com o nome de Arraial do Guigó. As atividades

econômicas estavam vinculadas à pecuária, criava-se gado vacum, caprino, ovino e suíno, bem como se desenvolvia a agricultura, com destaque para os cultivos consorciados de milho, mandioca e feijão.

As terras do Distrito de José Gonçalves foram assim ocupadas pela família de João Gonçalves da Costa e seus descendentes. Na segunda metade do XX, a fazenda foi desmembrada com os herdeiros e, posteriormente, foi sendo comercializada a outros cidadãos que passaram a trabalhar e residir no lugar.

Em 1920, na divisão administrativa de Vitória da Conquista constava o Distrito de José Gonçalves, com sede na Vila do mesmo nome, ao lado dos distritos de Conquista (sede), Veruga, Encruzilhada, Porto de Santa Cruz, Belo Campo, São João da Vila Nova, Nova Loja do Gavião e Coquinhos. Em 1950, o distrito contava com 874 habitantes, sendo então um dos mais povoados, inferior somente a Caatiba (MEDEIROS, 2013). E assim, ao longo dos anos, o povoado crescia em população e economia até que se iniciou uma discussão de uma possível emancipação do distrito que teve o seu auge nos anos de 1980, conforme narrativas dos moradores.

A POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO DO DISTRITO DE JOSÉ GONÇALVES...

Segundo os moradores, havia no local, os administradores (funcionários da prefeitura e ligados diretamente ao pre-

feito) tinham a função de perceber as carências e gerenciar a aplicação dos recursos no distrito.

R.M. (2019)³ relatou que anteriormente, o prefeito dava emprego a um cabo eleitoral e esse o representava no distrito. Quando J. M. foi prefeito de Vitória da Conquista, em 1973, fez diferente: criou um cargo referente a secretário de assuntos distritais, ou secretário do interior, como popularmente era chamado, nomeou um administrador em cada distrito, e, nos povoados maiores tinha um sub administrador distrital, dessa forma, o gestor institucionalizou a relação entre o poder público e estes lugares. E ainda:

Ele era nomeado, tinha as suas atribuições, rompeu com o modelo antigo de se dar um emprego na prefeitura ao cabo eleitoral e esse cabo fazer a ligação entre a população e o prefeito. Agora era um administrador nomeado com cargo previsto em lei, atribuições previstas em lei. Evidente que o prefeito nomeava pessoas de confiança. Era um cargo de provimento e comissão. Livre nomeação do prefeito. Ele nomeava pessoas que tinham condições de gerir o distrito. Alguns inclusive foram muito bons gestores (R.M., 2019. Informação verbal)

Nesse processo de emancipação, os administradores convenceram a população que a renda local não daria para garantir a manutenção. M.F. (fiscal do distrito) ressaltou: “Tinha uma política danada e eles fazia a cabeça do povo. Como se fosse uma campanha contra e a favor e tinha votação” (M. F., 2018, informação verbal).

R.M. (2019) confirmou que na época do plebiscito, os administradores e sub administradores fizeram uma campanha contra a emancipação de José Gonçalves:

Isso é verdade. Ao invés de ficarem neutros, participaram totalmente do plebiscito. O mesmo aconteceu com o prefeito que deveria ficar neutro, mas as condições do tempo levavam naturalmente ao que o prefeito pronunciasse, o deputado... etc. (R.M., 2019. Informação verbal).

Um outro morador, V. A. (85 anos), trabalhou por 26 anos no cartório como juiz de paz. De acordo com a sua narrativa, o pessoal de São Sebastião, de Caetano vinha para o Distrito por conta da feira e mesmo depois que Caetano emancipou, a feira ainda permaneceu. Nessa época, surgiram as discussões sobre a emancipação de José Gonçalves, mas os políticos não queriam, sobretudo, o prefeito de Vitória da Conquista. “Eu acredito que foi por isso que ele derrubou a feira daqui. Ele botou os administradores para trabalhar e falar que o povo ia morrer de fome. Foi política que derrubou a feira” (V. A. 2018, informação verbal).

Segundo os moradores entrevistados, José Gonçalves tinha um próspero comércio, com lojas, bodegas e especialmente uma feira que atraía vendedores e consumidores de diversas localidades, além de agricultura e pecuária em expansão. Como o prefeito era contrário à emancipação, tendo em vista a redução de renda que teria o município, portanto, o gestor disponibilizou transportes para levar a população para a cidade. “O povo conheceu lá e acabou com a feira aqui” (V. A. 2018, informação verbal).

Sobre o plebiscito, o senhor A. P. relata:

Fizeram uma política doida no interior. Aqui nós ganhamos, mas no interior não queria e a maioria foi do interior. Ai derrubou. Naquela época era uma política

3. *Entrevista concedida pelo professor R.M. [abr. 2019]*



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

muito doída. Era MDB (contra a emancipação) contra Arena (a favor da emancipação) e o negócio aqui era forte. Virava uma briga de derrubar nois. P.S, mais sabido, foi lá na roça e comprava os eleitor tudo. P. S era o prefeito ai a política tomou conta. Sempre naquela época P.S tinha mais prestígio político né? Foi uma eleição no prédio escolar. Cada um ia lá com o título e votava. Foi mais ou menos 1985, 1987 antes de acabar a feira. Onde P. S tiver, ele tá arrependido porque fez a campanha contra” (A. P., 2018, informação verbal)

R.M. (2019) esclarece que o plebiscito foi uma reivindicação que surgiu dentro do distrito de José Gonçalves, tendo como uma das pessoas vinculadas a esse processo o Senhor F. L., professor e vereador no município pela oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) que em 1982, com a retomada do pluripartidarismo, veio a ser chamado de PMDB. Na época, a constituição estadual e também a lei orgânica dos municípios possuíam como uma das exigências para elevar o distrito a município que fosse realizado um plebiscito com os eleitores cadastrados nas seções eleitorais daquele distrito.

Uma parte do MDB apoiava a ideia de elevar o distrito de José Gonçalves a condição de município com sede na Vila de José Gonçalves. Outra parte, grupo liderado pelo então prefeito P.S e coligado com a Arena (PFL), tendo M.O. como liderança mais expressiva, atuaram contra a emancipação, ressalta R.M. (2019).

O plebiscito ocorreu, os eleitores do distrito foram levados a votar, mas apesar de uma grande influência de J. M.(MDB) e de todo o esforço, o grupo de P.S. (MDB-Arena) terminou convencendo os elei-

tores, em sua maioria, para votar contra a emancipação, embora “eu entenda que de uma maneira oportunista”, relatou R.M (2019).

Seu A. P. (83 anos) narra que naquele tempo, ele e outras pessoas saíam do Distrito juntamente com M. O. (Arena) fazendo campanha e P. S. (MDB) dizia que “o povo ia pedir esmola na cuia [...]” (A. P., 2018, informação verbal). Ele ressalta que se José Gonçalves fosse cidade tinha se estendido até a Rio-Bahia e complementa: “eu num tô vendo uma cidade pra ganhar daqui a não ser Conquista. Aqui tem dia de passar uns quatrocentos carro. No dia de sábado, o dia todo aqui tem um movimento de uns 16 ônibus né? Indo e voltando” (A. P., 2018, informação verbal).

Realmente, segundo R.M. (2019), P. S. fazia promessas, inclusive de melhorias no distrito, levando aquela campanha ao descrédito, sob a alegação de que não havia condições de José Gonçalves se manter, se, por acaso, fosse elevado à condição de município.

Por mais que estivesse em lei que todo município criado passava a receber um Fundo de Participação dos Municípios e que este dava para manter o município novo, não adiantou, a proposta foi negada pela maioria da população. R.M. (2019) sinaliza que embora José Gonçalves não tivesse uma frota de veículos, um bom comércio que gerasse contas de impostos estaduais e considerando que seu Imposto Predial e Territorial Urba-

no (IPTU) fosse pequeno, se manteria, por conta do fundo de participação, além também da sua extensão e produção. E confirma a veracidade das narrativas dos moradores:

A memória deles corresponde a verdade porque a grande alegação é que o pessoal ia ficar sem condições de subsistência, que os servidores iam perder seu emprego, que os municípios criados não iam ter condições de pagar funcionários, que iam atrasar salário. A campanha foi assim, de certa maneira muito rebaixada, não era campanha para incentivar a força e o orgulho das pessoas que residiam em José Gonçalves (R.M., 2019. Informação verbal)

Em 2014, novas discussões aconteceram visando a emancipação do Distrito. Numa das sessões itinerantes da Câmara de Vereadores de Vitória da Conquista, ocorridas em José Gonçalves, o vereador e presidente da Câmara afirmou que é a favor da emancipação dos distritos e sabe a importância de uma localidade como José Gonçalves se tornar independente, visto que o distrito tem uma população considerável.

Na ocasião, a então presidente Dilma Rousseff vetou a emancipação política do distrito e um dos vereadores relatou que se o plebiscito fosse feito novamente, o resultado seria outro. Segundo o vereador, a presidente não conhecia a realidade do município da mesma forma que a comunidade e o distrito de José Gonçalves tem o direito de crescer.

Numa entrevista realizada com o presidente da Câmara de Vereadores em 2014 e atual vereador do município, ele confirmou que foi realizada uma audiência pública, além de debates e reuniões em Brasília para a possibilidade de emancipação de três distritos

da região: José Gonçalves, Inhobim e Bate Pé. E ainda relata:

O debate era no Brasil [...]. A ideia era fazer uma análise para ver qual que teria condições de emancipar e Zé Gonçalves seria um deles, por ser um distrito com potencial, por ter uma história antiga de emancipação. A partir do veto suspendeu tudo, até as mobilizações que tinham na época foram suspensas. Tem casos aqui na região que o distrito é maior que a sede (F.J., 2019. Informação verbal⁴).

Segundo o vereador, o veto da presidente não foi direcionado exclusivamente para José Gonçalves, mas outros distritos também foram atingidos em função das despesas de se gerar um novo município.

Atualmente, o distrito de José Gonçalves, integrante do município de Vitória da Conquista conta com uma população de 5.886 habitantes, sendo que 2.019 (34,3%) vivem na sede do distrito e 3.867 (65,7%) no interior (IBGE, 2010).

Esse distrito apresenta uma população superior a 23,5% dos municípios brasileiros, de acordo com os dados do IBGE(2010) relativos à população total dos municípios. Para Fernandes (2018, p.10), “essa porcentagem engloba municípios brasileiros que possuem no máximo, cinco mil habitantes” (FERNANDES, 2018, p.10). Tal percentual aponta a quantidade de pequenos municípios que têm como principal fonte de renda o Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Para Corrêa (1999), a sobrevivência dos pequenos núcleos, em razão dos serviços de que dispõem e da sociabilidade que viabilizam, é efetivada por meio de sua transformação funcional.

José Gonçalves limita-se

4. *Entrevista concedida pelo vereador F.J. [abr. 2019].*



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

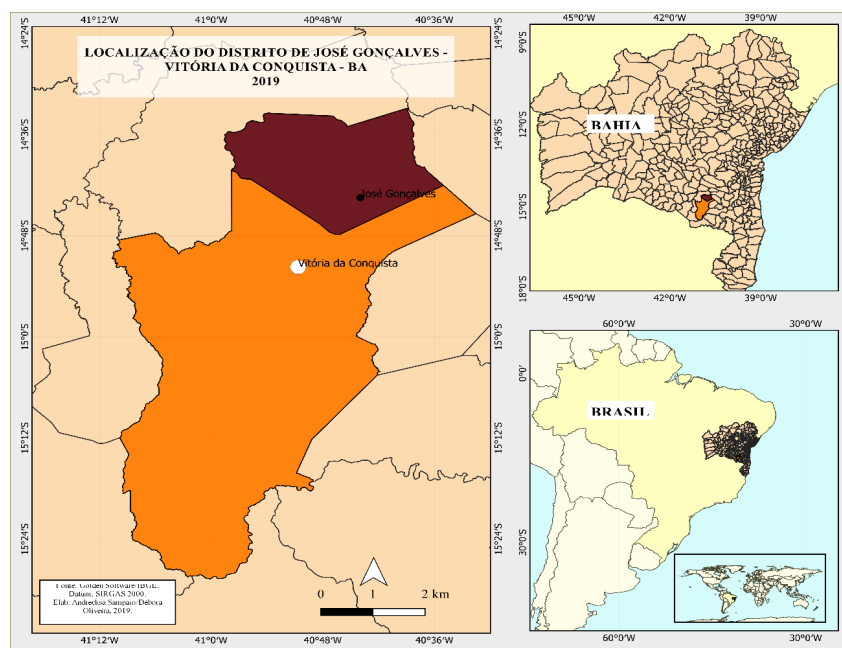
Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

com Anagé, desde a Lagoa de Francisco das Chagas, em linha reta até a Lagoa da Serra, e daí até o Estreito do Empedrado, no início do limite com o Município de Planalto; com Planalto, do Estreito do Empedrado até a Serra do Taquaral; com Barra do Choça, da Serra do Taquaral

até a Barra do Anta Podre; com o Distrito da Sede de Vitória da Conquista, da Barra do Anta Podre, seguindo pelo Riacho do Saquinho e deste até o Riacho do Choça, seguindo até a Cachoeira deste e daí até a Lagoa Francisco das Chagas (Figura 1).

O distrito está localizado

FIGURA 1 - Localização do Distrito de José Gonçalves – Vitória da Conquista – BA



Fonte: Golden Software IBGE. Datum: SIRGAS 2000 / Elab.: A.V.O.S e D.A.O

no Planalto dos Geraizinhos, distante aproximadamente 25 quilômetros da área urbana de Vitória da Conquista, estando a cinco quilômetros da BR-116 (no sentido Vitória da Conquista – Salvador).

Para alguns, a emancipação significava avanço, uma possibilidade de desenvolvimento. Para outros representava o retrocesso e acúmulo de problemas pela falta de estrutura. Essa e outras questões estão presentes no imaginário social da população e nesse artigo, a memória dos moradores do distrito foi aguçada e envolvida no sentimento afetivo

e de pertencimento, rememorando os espaços ocupados, em especial, pela feira livre, incluindo o caminhar das pessoas, o barulho dos feirantes e consumidores, os produtos vendidos, o cheiro da comida feita na hora, os problemas enfrentados e a qualidade de vida do distrito.

A FEIRA DE JOSÉ GONÇALVES: MEMÓRIAS DE UM LUGAR

Segundo Nora (1993), a memória é um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente, pois não se acom-

da a detalhes que a conforta. A história, por outro lado, é uma representação do passado. Para o autor, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos [...] porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13).

Segundo R.M. (2019), o município de Vitória da Conquista, especialmente na zona da Caatinga produzia mamona, tipicamente familiar. “Quando não se conseguia produzir o milho e o feijão por condições climáticas, a produção da mamona era certa. Então a mamona era uma reserva para a subsistência dessas famílias” (R.M., 2019. Informação Verbal). A mamona cultivada na região era destinada para abastecer uma empresa em Vitória da Conquista, responsável pela fabricação de produtos de beleza e estética e também na produção do sabão. Segundo E.O. (2019): “às vezes os agricultores trocavam a mamona por soda cáustica para fazer o sabão doméstico. Tinha uma espécie de atravessador que vendia a mamona para a indústria de sabão” (E.O., 2019. Informação Verbal). R.M. (2019) afirmou que a produção de mamona sofreu declínio porque a China e a Índia começaram a plantar de forma científica, racional e conquistaram o primeiro lugar em produção.

O fumo, cultivado desde o início do século XX, ainda é plantado e passa por aproveitamento artesanal, sendo vendido para toda a região do

Planalto da Conquista e áreas adjacentes. Para promover o desenvolvimento econômico do distrito de José Gonçalves, o Governo do Estado, na década de 1950, implantou a “Colônia Agrícola Santo Antônio”, dividindo-a em lotes de 20 hectares. Porém, por estar localizada na Caatinga, necessitava de investimentos e, sobretudo, acompanhamento e não os tendo, restaram alguns proprietários que plantavam gêneros alimentícios e comercializavam na feira livre que acontecia dentro de José Gonçalves e o excedente da produção para os municípios de Vitória da Conquista, Planalto e Poções.

Seu M.F. (76 anos) foi fiscal da feira, era funcionário da prefeitura e cobrava impostos dos feirantes, além de contribuir com a organização da feira: “Era barato... cinco reais a ocupação. Cinco, dez reais por dia de feira, dependia do tamanho e a parte de gado era quinze, vinte reais” (M.F., 2018, informação verbal). Segundo ele, a feira começou muito antes de 1966 e permaneceu até mais ou menos o ano de 1995. Em 2000, M.F. se aposentou e nesse momento, a feira estava bem fraca, quase não tinha mais nada. De acordo com os seus relatos, nem precisou colocar outro fiscal em seu lugar, porque não teria mais sentido. “A feira começava as seis horas com a arrumação das barraquinhas e sete horas iniciava a feira e ia até umas quatro” (M.F., 2018, informação verbal). Na feira, além de relações econômicas, existiam



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

as práticas cotidianas que permanecem na memória dos moradores.

Segundo Vedana (2017), as práticas cotidianas que compõem a feira livre dizem respeito a mais do que simples relações econômicas ou de comércio informal no interior da cidade. Todos os elementos que compõem a feira: bancas, lonas, alimentos, balanças, caminhões e também as relações de integração entre fregueses e feirantes reafirmam os vínculos identitários do sujeito com o lugar. A autora ressalta:

[...] as inúmeras conversas ao pé da banca entre estes personagens, o vai e vem incessante de carrinhos e sacolas pelos corredores lotados, as negociações, as amizades, as receitas trocadas entre fregueses, suas lembranças da feira, as piadas – evocam a densidade das relações e das trocas que aí se desenrolam. Fazer a feira todos os sábados pela manhã (ou qualquer outro dia da semana) além de abastecer a casa de mantimentos, é também uma forma de sociabilidade. Comprar alimentos na feira-livre constitui-se como um momento importante de trocas sociais e de reafirmação de vínculos entre os sujeitos, de evocação da memória destas práticas no contexto da cidade, da afirmação da dimensão simbólica da aquisição de alimentos (VEDANA, 2017, p. 1).

A feira livre é, portanto, uma fusão dos espaços públicos e privados que, por uma dinâmica própria, intrínseca à natureza desse tipo de evento, mantém seus limites preservados.

Andrade (2008) ressalta que as narrativas rememoradas pelos moradores antigos traçam o caminho da construção do lugar, calcados na memória afetiva de cada um. Os narradores dessa pesquisa são moradores do distrito, alguns exerceram funções importantes na feira, outros eram feirantes e todos eram consumidores. Uns continuam por lá,

outros moram em Vitória da Conquista.

O ESPAÇO DA FEIRA...

A feira livre apresenta-se como lugar de manifestações sociais, culturais e econômicas, e contribui diariamente para a produção do espaço da cidade. Nela ocorre a negociação ou a comercialização de produtos, mas para além disso, a feira é um lugar de negociação social e é resultante de várias relações, inclusive as de poder, entre os setores formais e informais do comércio (LACERDA, MENDES, 2019).

R.A. (57 anos), empresária em Vitória da Conquista, morou em José Gonçalves até os 12 anos e frequentava a feira. Nasceu na Fazenda Bomfim, conhecida como Miro, na direção do atual município de Caetanos. “Lá onde eu nasci não tinha água e aqui tinha dois tanques. Era do meu tio avô, mas não é mais não. Vinha para feira andando duas léguas e trazia um jeguinho para transportar... as vezes eu vinha de cavalo, mas a maior parte era a pé” (R.A., 2018, informação verbal). Na feira:

Comprava feijão... a farinha a gente fabricava para vender. Com o dinheiro da farinha comprava outras coisas. Lá onde eu nasci tinha casa de farinha [...] A fonte de renda aqui nossa era a mandioca. [...] Fazia a farinha, tirava a goma e vendia na feira. Colhia feijão, milho... as vezes faltava chuva na flor do feijão e perdia. Trabalhava, trabalhava e as vezes perdia tudo quando faltava chuva, mas a farinha era o que salvava (R.A., 2018, informação verbal).

A feira livre é o lugar da informalidade. É o espaço da compra e venda e as relações estabelecidas entre feirantes e consumidores são cheias de

simbolismos que acabam se perpetuando.

Na praça onde a feira acontecia, não tinha a rodoviária, as ruas não eram asfaltadas e a feira tomava toda a extensão das ruas e praças: “começava daqui e ia até a casa verde lá. Tudo aqui era terra e feira” (R.A., 2018, informação verbal). Ela narrava e apontava o braço para longe e girava o corpo para demonstrar a extensão da feira que era de aproximadamente de 5.000m².

Tinha um espaço livre entre a rua e a praça para os carros passarem e os namorados desfilarem. De um lado, tinham as barracas de frutas e verduras (lado da rodoviária atual). No meio da praça ficavam as barracas de tecido, umas eram de madeira, outras em lonas espalhadas no chão e ali mesmo se negociava. Em outra parte da praça se localizavam as barracas de cereais e os açougues. E o banheiro era na casa dos moradores mesmo. Assim, a narradora ia demarcando o espaço com gestos:

Eu estou me baseando pelas casas...Eram barracas de madeira com lona. **Tá vendo aquela mulher na porta??** Isso era cheio de sinuca. O povo vinha pra cá jogar. Nessa arvore aí era a barraca de madrinha Vanilda. **Pra lá** era a barraca de farinha e quem trazia bode vivo pra vender, quem trazia porco... **ficava daquela árvore para lá.** E amarrava nos paus e os donos ficava junto (R.A., 2018, informação verbal, grifo nosso).

Mesmo que a ex-moradora não visualizasse de fato a feira, conseguiu rememorar o lugar original, através de alguns pontos de referência que estão no espaço do presente. Andrade (2008) ressalta que os lugares de memória e as memórias do lugar se conjugam em busca de instrumentos

de reforço da identidade e da singularidade local e a população se constitui a mais importante ferramenta, visto que é depositária de informações e sentimentos afetivos. E ainda: “As memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares como referências e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções” (ANDRADE, 2008, p. 570).

Em conversas informais com os moradores mais antigos do distrito foi possível imaginar como funcionava a feira (no lugar da feira) e, através da memória afetiva dos narradores, foi possível rememorar cheiros, conversas, chegadas e saídas de mercadorias, a venda, a compra, a troca, os transportes, os namoros e afazeres diversos que existiam na feira. Nora (1993) ressalta que os lugares de memória têm sentido em três pilares: material, simbólico e funcional simultaneamente e “mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (NORA, 1993, p.21).

É através dessas lembranças que se pretende trazer para um presente as sensações e re-visitar paisagens pelas memórias do lugar. Segundo Nora (1993), o lugar de memória é um lugar de excesso, fechado sobre sua identidade, mas constantemente aberto sobre a



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

extensão de suas significações.

Os narradores lembravam com muita nitidez e significado o que se vendia na feira aos domingos: carnes, frutas, cereais, cosméticos, tecidos, alimentos prontos, entre outros. A população vinha do interior de cavalos, jegues, burros. Vinham de Caetanos, Barra do Choça, São Sebastião. Além da comercialização dos animais, ocorria o abate dos animais para a posterior venda da carne bovina, suína e caprina. Seu A.P. (83 anos) questionou: “Sabe o que que acontece?? Caetano não tinha a feira, Lagoa de água que é Lindo Horizonte ainda não tinha feira, Barra do Choça não tinha feira. Esse pessoal vinha tudo praqui” (A. P., 2018, informação verbal). Esses lugares citados (Caetanos e Barra do Choça,) são, atualmente, sedes dos atuais municípios. Os demais (São Sebastião e Lindo Horizonte) ainda são povoados. R. A. narra:

Na feira tinha tudo, galinha, ovos, tudo. A galinha vinha viva da roça. Era o único ponto comercial mais perto. As meninas trazia tecido, confecções, os outros trazia cereais, outros trazia alumínio. Vinha de jegue, burro, cavalo, animal [...] Era aqui da rodoviária para baixo até lá na saída. Era muita feira. (R.A., 2018, informação verbal).

Os barraqueiros de Conquista também vinham participar da feira. Traziam cereais, tecidos, roupa, cama, colchão. Da zona rural traziam melancia, umbu e outras frutas. R. A. acrescenta:

Vendiam roupa nova, pois naquele tempo não existia brechó não. Vendia picolé. A barraca de dona Saturnina que vendia comida caseira era mais ou menos aqui. Todo mundo de Conquista que vinha para feira almoçava aqui. Até o povo da roça almoçava. Só ela vendia comida pronta. Galinha caipira... comprava na mão da gente as galinha e vinha vender

aqui (R.A., 2018, informação verbal).

Na feira também tinha comida pronta. “As velhinhas da Maria Eleotéria vinham com os burros de carga sábado e dormia aqui até na casa de uma parente nossa. Elas vinha para preparar a comida a noite” (R.A., 2018, informação verbal). E completa:

D. Saturna... A comida dessas mulher cheirava na feira toda. O povo vinha de Conquista almoçar. Tinha galinha caipira, feijão, bode. Era uma delícia... cheirava longe... tinha quisuqui (suco). Eu já vendi. Fazia um litro de quisuqui e saia vendendo os copin. Tinha bolo, cuscuz. D Flora vendia cuscuz nera??? Tinha requeijão cortado as fatias. Tinha melancia. Na época da melancia essa feira enchia. E uma brevidade deliciosa não era para acabar essa feira não... tinha barraca de tecido, tinha tudo nessa feira (R.A., 2018, informação verbal).

A narradora retrata a diversidade de produtos excedentes provenientes de pequenos agricultores e o movimento provocado pela necessidade de estar na feira. A representação social que a feira traz, remete a Jodelet (2001), que ressalta ser uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

A moradora E. B. (78 anos) relata que a feira era boa e que trabalhou nela por muito tempo. Foi barraqueira e vendia cereais: feijão, arroz, açúcar, café. “A gente tinha uma venda que vendia tudo. Naquele tempo a gente não falava de mercado. A gente falava venda. Aqui a venda vende da cachaça a gêneros alimentícios; farinha, macarrão, cereais” (E.B., 2018, informação verbal).

As vendas seriam os armazéns ou casas de secos e mo-

lhados, também conhecidas como bodegas. Eram estabelecimentos que comercializavam gêneros alimentícios e bebidas, tecidos, armarinhos e objetos de uso doméstico e pessoal, além de serem pontos de encontro, reunião e diversão, onde era possível comer, beber, jogar, cantar, saber as novidades, passar e receber recados e fazer negócios. Portanto, constituíam também um espaço de sociabilidade (TELEGINSKI, 2012).

Seu M. F. relatou que vendia os produtos e o pagamento ocorria de duas formas: à vista, ou seja, pagamento no ato da compra e, para os conhecidos a prazo, que concernia na anotação da dívida em cadernetas/cadernos. “Até hoje aqui não deixo de num vender né? Tem seus amigos... quer uma cervejinha... ai vou anotando na caderneta”. (M. F., 2018, informação verbal). Segundo ele, vendia muita Genebra, mas o que vendia e vende é a Catuaba, Caatinga de porco, Pratudo⁵ e ainda tem o fumo.

Na feira se encontrava uma diversidade de produtos e atendia aos variados gostos dos consumidores. Percebe-se uma relação de sociabilidade no ato da compra, pois é comum oferecer os produtos para experimentar, levar e pagar depois, anotar na caderneta, deixar o troco para pegar na outra semana, escolher os melhores produtos para comprar, entre outras ações. Tais características nos remetem às discussões realizadas por Menezes (2017, p.110), ao ressaltar que a feira é considerada como um “ponto

de encontro no qual se mantêm relações de sociabilidade e de proximidade entre esses grupos, relações essas que estão permeadas pela confiança [...]”.

O sentimento de pertença presente na feira livre proporciona o fortalecimento das relações entre os feirantes, tornando um ambiente ainda mais singular, porém, a quebra da confiança estabelecida entre feirantes e fregueses pode causar frustração e decepção. A Senhora E.B. reafirmou a presença do “fiado”. “Eu lembro que uma mulher comprou cem reais naquele tempo e até hoje não vi mais essa mulher. Tinha a cadernetinha. Na outra semana pagava a feira passada. Mas a mulher suverteu... nunca mais vi”. (E.B., 2018, informação verbal).

A memória aguça a lembrança de outros moradores. À medida que um morador lembrava de um fato, o outro complementava e arrancava sorrisos e várias formas de sentimentos. Todas as memórias precisam ser lembradas, mesmo as doloridas, numa atitude de celebrar o presente. Os moradores lamentam as que não conseguem lembrar.

Os fiscais percebiam quando o feirante ainda não tinha condições de pagar o imposto. R.A. rememorou: “eu lembro que meu pai botou uma barraquinha de cereais. E ele (o fiscal) não cobrava do meu pai não. Não dava nem pra pagar os gastos. O fiscal falava: deixa tu estabelecer primeiro, depois eu cobro. Não chegou nem melhorar... acabou”(R.A., 2018, informação verbal).

5. *A Caatinga de Porco e o “Pratudo” (ginseng-brasileiro) são plantas nativas recomendadas para uma diversidade de situações de saúde. São muitas vezes misturadas a cachaças que recebem o mesmo nome.*



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

Não faltava mercadoria na feira. José Gonçalves era um centro comercial, pois muita gente comprava e vendia. Tinha muita loja de tecido, farmácia. Ninguém vinha de mão vazia. Trazia umbu, maxixe, melancia e levava farinha, narrou M.F. (2018). Segundo o fiscal: “Os jovens vinham namorar. As moças vinham comprar suas maquilagens, suas coisas e aproveitava e [...] enquanto os velhos faziam a feira” (M.F., 2018, informação verbal).

A rede de sociabilidades e territórios construídos por feirantes e fregueses na troca de produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender, risos, namoros é elemento que compõe a história da feira.

Seu A.P. (83 anos) chegou a José Gonçalves em 1956 e segundo a sua narrativa, tinha semana que comprava 50 porcos nos arredores e vendia na feira. “Quando eu cheguei aqui já tinha a feira. Antes uns dois anos eu trouxe um feijão para vender...Aqui todo mundo trabalha e nois aqui levanta sabe que hora?? 4 e meia da manhã todo dia” (A.P., 2018, informação verbal).

E complementa:

Eu saía segunda feira, quando era quarta feira eu já tava com a porcada e eles vinha, nós pesava e ele levava. Eu agradeço a Deus de uma medida [...] se andares por ai e perguntar por mim. Graças a Deus eu negociei comprando porco quase 30 anos eu não fiquei devendo um real. E Nice nunca passou vergonha com uma pessoa vim cobrar. Eu falava: tal dia eu num tô em casa, mas seu dinheiro tá.

A feira livre, apesar da importância econômica para aqueles que a frequentam, também é o lugar da aproximação, onde se constroem amizades e a necessidade de se afirmar o bom

caráter foi uma realidade presente nas narrativas.

O FIM DA FEIRA...

Alguns fatores sociais e econômicos contribuíram para o fim da feira em José Gonçalves. Segundo R.M. (2019), o município passou um período de seca na década de 1970, especialmente em 1974 e 1975, que atingiu todo o Nordeste e relata: “naquele tempo não havia essa rede de proteção social, a Bolsa Família”. A previdência rural era controlada politicamente por pessoas ligadas ao governo federal para aposentar os idosos:

E nós tínhamos um número de aposentados relativamente pequeno e dificuldade de sobreviver nos períodos de estiagem e de seca. E nós não tínhamos bolsa família que sustentou, apesar das últimas secas, bastante o pessoal do campo. Naquele tempo a seca castigou muito a lavoura (R.M., 2019. Informação verbal)

Por outro lado, o café estava produzindo bastante em Vitória da Conquista, Barra do Choça, Encruzilhada, parte de Belo Campo e muitos foram iludidos com a possibilidade de ganhar dinheiro com a colheita do café. R.M. (2019) ressalta que parecia compensar o dinheiro que recebia pelo excedente de sua lavoura que eles vendiam. Isso desestimulou alguns pequenos proprietários e suas famílias.

Outro fator preponderante foi o período também marcado pelo decréscimo populacional no Distrito e o grande crescimento em Vitória da Conquista, desde a implantação da lavoura cafeeira entre 1970 a 1973, com o auge na década de 1980.

Segundo os moradores, depois da decisão de não eman-

cipar o distrito, aumentou o número de transportes que levavam a população local para a cidade de Vitória da Conquista. M. F. relembra que “os ônibus tomaram conta do interior e tinha uma linha que levava o povo para Vitória da Conquista”.

“Com o passar do tempo, o supermercado também foi para roça e como tem tudo na roça aí o povo não vinha aqui mais”. [...] (M.F. 2018, informação verbal). Além dos supermercados, outros lugares que antes não tinham feira, passaram a ter. E afirma também:

Hoje no supermercado vende tudo. O que tem em Conquista tem aqui. Não tem diferença de Conquista. Tudo que quer tem: padaria, açougue, tem de tudo. Substituiu a feira. É difícil o povo daqui ir comprar em Conquista, porque a diferença é pouca. Ninguém quer trazer pacote de trem, as vezes vai lá e traz, mas eu mesmo não faço compra em Conquista. Para comprar as bebidas do meu bar os representantes vêm aqui, já no caminhão pronta entrega, a gente faz o pedido e já entrega”(M.F. 2018, informação verbal).

Os supermercados surgem num contexto de transformações no comércio varejista decorrente das mudanças da produção industrial. Em 1953, surge em São Paulo o primeiro supermercado com as seguintes características: mercado privado, destinado a uma classe de poder aquisitivo elevado, espaço privilegiado, pois existia até carrinho para transportar as compras, além do autosserviço e do pagamento no ato da compra (PINTAUDI, 1988).

Porém, a praticidade de se fazer compras no supermercado e a rapidez de satisfação das necessidades, exigidas pelo mundo atual, fizeram com que as pessoas deixassem de desfrutar do tempo na feira.

R.M. (2019) acrescenta: “Feira a gente sabe que não é só o fato de ser um comércio. Feira é local de sociabilidade também local de encontro, informação, tudo isso. Como isso foi se dissolvendo também... a necessidade da feira foi caindo” (R.M., 2019. Informação verbal).

Atualmente, no espaço da feira de José Gonçalves, somente existem uma ou duas barracas que vendem verduras e algumas frutas e que dividem o espaço com supermercados de pequeno e médio porte que são capazes de abastecer toda a população com os variados produtos de diferentes marcas. Pintaudi (1988) ressalta que também as quitandas e armazéns foram afetados pela presença dos supermercados. Os preços dos produtos para os quitandeiros eram altos em função da compra em pouca quantidade, além de não poderem exercer o poder de barganha que os supermercados têm, em função de comprarem em grandes quantidades e terem o retorno mais rápido do capital empregado.

Com o fim da feira, Seu M. F. afirma que muita gente “se quebrou” e a economia do distrito declinou porque muitos postos de trabalho foram extintos. “Todo mundo vivia da feira. Hoje só tem umas barraquinhas desse povo que planta horta, tomate, banana, coisa assim e fica na frente do mercado. Quando é onze hora acaba” (M.F. 2018, informação verbal). Seu V. A. sente muito pelo fim da feira e diz: “foi uma cacetada danada em nós quando acabou a feira” (V.A. 2018, informação verbal).



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

Os moradores, em suas narrativas, rememoram partes significativas do passado e segundo Gastal (2002), o lugar de memória surge à medida que se acumula memórias com imensurável valor afetivo.

Seu A. P. se orgulha pelo tamanho e importância que ela tinha: “Era uma feira viu? Que uma criança, um menino perdia. Hoje só tem umas cinco barracões” (A. P. 2018, informação verbal). Segundo ele, a feira faz falta, pois era de todos. O supermercado do distrito é do filho de seu A. P., mas mesmo assim, ele diz que o supermercado é de uma pessoa só e a feira ajudava a todos. “Graças a Deus esse mercado tem tudo. Vai de uma ponta na outra. Se tivesse a feira ajudava porque as pessoas vêm de fora comprar” (A. P., 2018, informação verbal).

Apesar de os supermercados não inviabilizarem a presença da feira e ainda competirem em função dos preços acessíveis, concorrência e diversidade de produtos mais frescos e atrativos (PINTAUDI, 1988), em José Gonçalves, um conjunto de fatores foi responsável pela sua desativação.

Segundo os moradores, houve uma iniciativa de voltar o movimento da feira, mas não teve êxito, mais uma vez, por falta de interesse político. Seu A. P. sugeriu:

Agora veja bem, não tem os ônibus que traz os professores? Combinava com esses ônibus, ele (o prefeito atual) dava o óleo e no dia de domingo ele trazia o pessoal de graça sem cobrar nada. A partir de seis meses, um ano todo mundo já vinha... porque trazia uma coisa e outra pra vender, outro trazia outra e aí ia melhorando muito (A. P. 2018, informação verbal).

R.M. (2019) também afirma

que se houvesse um esforço maior por parte da administração daria para sustentar a feira. “Isso era possível porque a feira não era só de produtos agropecuários, tinha a confecção, a comida, etc.” (R.M., 2019, informação verbal).

Gastal (2002) ressalta que as diferentes memórias estão presentes transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive. Os moradores foram rememorando através das narrativas o sentimento de pertença sobre aquele lugar e revisitando uma paisagem que não existe mais, e como Certeau (1998) afirma: a memória continua escondida até o momento que se revela ainda que de maneira temporal.

Seu A. P. (83 anos) deixou os seus sentimentos aqui registrados. Ele faleceu dia 31 de março de 2019, mas por intermédio dele pode-se perceber o quanto é importante compreender a memória dos lugares nos lugares de memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas orais foram fontes de informações sobre o modo como os antigos moradores de José Gonçalves construíram uma relação com o ambiente e conseguem se manterem vinculados a esse lugar, através da singularidade de cada fala. Os moradores, ao narrarem os fatos, expuseram experiências existenciais e ao mesmo tempo questionaram sobre o que aconteceu e como foram envolvidos.

A feira representou um tem-

po de comércio próspero do lugar, além da socialização entre moradores, feirantes e conquistou espaços, além da praça. O comércio forte, oriundo da feira motivou, inclusive, a possibilidade de emancipação do Distrito.

Se, por um lado, a feira foi uma celebração das diversas formas de comércio e vida, por meio das diferentes paisagens que se formavam aos domingos e expressavam as cores, cheiros e sabores. Alguns fatores

sociais, políticos e econômicos contribuíram para o fim da feira, mas não se pode deixar que a memória se acabe junto com a dinâmica do mercado, do consumo, dos sons e cotidiano da feira de José Gonçalves.

Rememorar a memória da feira de lugar proporcionou suscitar saberes, fazeres, os anseios e lutas populares do passado, vislumbradas nas narrativas de homens e mulheres que conformam a história do distrito de José Gonçalves.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cyntia. Lugar de memória... memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. Passos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 6, n. 3, 2008, Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308.13.pdf>. Acesso em: 31 de jul. 2018, p. 569-590.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano. 3 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998. 316p.

CORRÊA, R. Lobato. Globalização e reestruturação da rede urbana uma nota sobre as pequenas cidades. Rio de Janeiro: Revista Território, ano IV, n. 6, jan./jun. 1999, p.121-129, Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_5_correa.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2018.

FERNANDES. Pedro Henrique Carnevalli. O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v. 8, n.1, p. 13 - 31. janeiro/junho 2018. Disponível em <file:///D:/MEUS%20DOCUMENTOS/Documents/6981-23346-2-PB.pdf>. Acesso em 14 jul. 2019

GASTAL Susana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local”. In: Gastal. S. (org.). Turismo investigação e crítica. São Paulo: Contexto, 2002.

IBGE. Censo Demográfico de 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D.(org.). As representações sociais. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2001, p.17-29

LACERDA, Fernanda Ramos; MENDES, Geisa Flores. Feira



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

Livre: patrimônio que se refaz em memória e tradição. In: MENEZES, Sônia de Souza Mendonça (Org). O que é que o Nordeste tem? Tem feiras e festas tem...práticas e manifestações culturais em Sergipe, Alagoas e Bahia. São Cristóvão. Editora UFS, 2019, 99p. Disponível em: <http://www.livraria.ufs.br/produto/o-que-e-que-o-nordeste-tem-tem-feira-e-festas-tem-praticas-e-manifestacoes-culturais-em-sergipe-alagoas-e-bahia/> Acesso em 16 de jul. 2019.

MEDEIROS, Ruy. Distrito de José Gonçalves. Blog do Paulo Nunes, 12/03/2013. Disponível em: <http://www.blogdopaulonunes.com/versao3/?p=37313>. Acesso em 03 abr.2019.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Iguarias derivadas da mandioca: do rural ao urbano o consumo de uma tradição nas feiras livres de Aracaju. In: ZANINI, M. C.C.; SANTOS, M. O. Feiras, feirinhas e feirões: a “economia dos centavos” em foco. São Leopoldo: Oikos, 2017. p.283-302

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Proj. História. São Paulo. v. 10, dez/1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 10 de jun. 2017, p. 7-28

PINTAUDI, Silvana Maria. Mudanças nas formas de comércio varejista e a implantação dos supermercados na grande São Paulo – SP- Brasil. Boletim Paulista de Geografia. n. 66 (1988). São Paulo – SP. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/954>. Acesso em 21 de maio.2019. p. 23-37

TELEGINSKI, Neli Maria. Bodegas e bodegueiros de Irati-PR na primeira metade do século XX. Dissertação de Mestrado em História, Cultura e Sociedade. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27347/R%20-%20D%20-%20TELEGINSKI%2c%20NELI%20MARIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 21 de maio.2019.

TUAN, Yi Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.218p

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e a construção de socialidades. Equipe OBHA, 9, mar, 2017. Disponível em <https://obha.fiocruz.br/index.php/2017/03/09/fazer-feira-e-construcao-de-socialidades/> Acesso em 03abr.2018.